



A transversalidade da língua para uma aprendizagem significativa

Margarida Maria Silva Gomes
Escola EB2,3/S Pedro Ferreiro

Resumo

Na sociedade do séc. XXI é urgente (re)construir e (re)dimensionar, conhecimentos, capacidades e competências, para respondermos cabalmente aos desafios profissionais e sociais. Tem, pois, particular importância o ensino e a aprendizagem da língua, pela transversalidade que assume no desenvolvimento humano. A dimensão comunicativa, inata ao ser humano, torna a proficiência em língua, crucial, pois é o veículo de afirmação pessoal, profissional e cultural. A aprendizagem da língua deve, portanto, partir de experiências pessoais dos estudantes e das suas necessidades reais. Ao professor cabe, nesta abordagem pedagógica, propiciar um equilíbrio entre atividade que visa a fluência comunicativa e a precisão linguística.

Palavras chave: proficiência linguística; competência comunicativa; aprendizagem ao longo da vida; aprendizagem significativa.

Novas abordagens pedagógico-didáticas do séc. XXI

Tendo em conta a mudança de paradigma a que a escola e o ensino estão sujeitos neste novo milénio – um modelo em que o aluno e a aprendizagem assumem centralidade – torna-se imperativo que os agentes educativos recorram a uma investigação constante, no sentido de darem respostas eficazes às necessidades da sociedade atual. Assim, a aprendizagem, perspectivada ao longo da vida, é encarada como algo que acompanha o ser humano ao longo do seu ciclo vital, contribuindo decisiva e continuamente para o seu desenvolvimento. Aprendentes somos, pois, todos nós, inclusive, os docentes que têm de encarar o seu conhecimento como algo que necessita de constante adaptação, estruturação e atualização. Esta centralidade do processo na aprendizagem exige a cada um de nós, mais proactividade e mais responsabilidade na construção do nosso próprio conhecimento, transformando-nos em seres activos e co-agentes do processo, cujo sucesso depende em grande parte do nosso envolvimento e curiosidade pelo saber. Falamos, portanto, de um processo que vem de dentro para fora – dependendo, por isso, da vontade intrínseca dos aprendentes. Aos professores compete, acima de tudo, despertar essa curiosidade e esse envolvimento, facultando estímulos, desafios e recompensas.

Numa sociedade cada vez mais competitiva, em que a eficácia é constantemente testada, há que apostar numa escola que prepare os cidadãos para a competitividade que a sociedade lhes exige. Só assim a escola/academia conseguirá dar respostas efetivas e acompanhar as mudanças sociais cada vez maiores e mais céleres. cremos que, apesar de muito se ter discutido sobre esta questão e de se saber o caminho a seguir, a consecução prática de medidas conducentes à consolidação da ‘nova escola’/ ‘universidade pós-bolonha’, o novo modelo está

alguém do desejado. Aspectos como a globalização, a internacionalização do conhecimento, a rapidez com que a informação e contra informação circulam, exigem atuações rápidas, sob pena da escola não conseguir dar resposta aos desafios elencados. Esta tem de continuar a ser um local privilegiado de aprendizagem, mas não mais isolado da sociedade/realidade em que se integram.

É urgente construir saberes que sejam permanentemente, renovados na escola/academia, onde os professores são orientadores, e facilitadores da descoberta/construção do *saber*, e da capacidade de aprender qualquer assunto que seja do interesse dos aprendentes, em qualquer altura da sua vida e em qualquer contexto, para continuamente aprimorar o seu desempenho e a sua acção na comunidade, através de atitudes responsáveis, reflectidas e comprometidas.

Defendemos, então, a educação encarada como algo abrangente e que classifica a própria sociedade – uma sociedade educativa – onde tudo é passível de ser aprendido de forma a propiciar o desenvolvimento dos talentos de cada um. Daí decorrente, a educação é vista não só como uma forma de actualização de conhecimentos, como uma oportunidade de progressão profissional e também como uma forma de superação de cada indivíduo e uma forma de aprender para o ócio, para o lazer e para a cultura, no sentido de uma plena integração social. Partilhamos da ideia de Carneiro, (2007: 4), quando afirma que

Las próximas décadas merecen una historia sustancialmente diferente de la del pasado reciente. Si predomina la paideia, es decir, si lo social, lo cultural y lo humano adquieren prioridad sobre lo económico, veremos inaugurado un tiempo inclusivo, donde todos pueden habitar la ciudad y buscar en ella su felicidad personal en la dignidad y en la concertación de intereses con todos los demás conciudadanos.

O valor da transdisciplinaridade na educação

As preocupações sobre o caminho da educação, discutidas à escala mundial, prendem-se exactamente com o desafio da globalização e com o ritmo acelerado das mudanças operadas, e a consequente inadequação da escola. Para Morin (1999), a grande razão para o fracasso da escola/universidade, enquanto instituição privilegiada do saber, está no facto dessas instituições insistirem em desenvolver currículos fragmentados e em conteúdos compartimentados em disciplinas. Na verdade, tenta-se estancar, espartilhar saberes quando os problemas com que nos deparamos são cada vez mais complexos, exigindo abordagens transversais, interdisciplinares e transdisciplinares, havendo, assim, verificamos a existência de um desajuste entre aquilo que se ensina na escola e a pertinência desses conhecimentos para a realidade social em geral, e para o sujeito que pretende aprender, em particular.

De acordo com o autor convocado (*op.cit.*), há que reformular a escola / a universidade, segundo o princípio da complexidade, isto é, em consonância com um conhecimento complexo e, por isso, globalizante, que se opõe às ciências tradicionais, baseadas nos princípios da separação, da fragmentação, da redução. Apesar de sabermos que, em termos profissionais se procura a especialização, temos a consciência de que esta só se consegue se formos capazes de nos adaptarmos a novas situações, particularmente quando somos obrigados a encarar o mercado laboral, cada vez mais flexível e até mesmo precário.

Pensamos que a trans a interdisciplinaridade e a flexibilidade curricular são factores essenciais a ter em conta para uma educação que se quer holística, particularmente num mundo em constante mudança. Como diz Morin (*op.cit.*:15), há que trabalhar para a finalidade “da cabeça bem feita”, ou seja, ajudar os cidadãos a organizar o pensamento, religando os saberes e, em simultâneo, distinguindo-os, tornando-nos capazes de estabelecer a ponte, entre os saberes particulares e o conhecimento complexo, entre o conhecimento localizado e o conhecimento global. À escola e aos professores compete, ainda na óptica de Morin, encontrar “(...) os métodos, ferramentas, operadores, conceitos aptos para estas interligações” (*op.cit.*:15).

Defendemos, então, um conhecimento multidimensional, seguindo a ‘Teoria da Complexidade’, defendida por Morin (1999), respeitando as diversas dimensões do ser humano, mais do que tentar dar todas as informações sobre um determinado problema.

Em suma, ao ‘ensinar’, o professor é, hoje, desafiado a facultar ferramentas que despertem, nos alunos, a curiosidade pelo saber, que os levem a respeitar a diferença, a desenvolver a autonomia e as competências básicas para acompanharem as mudanças que ocorrem permanentemente na sociedade em que se inserem. A capacidade de inferir e de relacionar os conhecimentos é também, na nossa perspectiva, essencial, daí que defendamos um processo de ensino e aprendizagem centrado no aluno e em metodologias activas, partindo de conhecimentos já construídos, para que em espiral crescente estes se consolidem de dentro para fora. Quanto a nós, isto só se concretiza verdadeiramente se o aluno estiver envolvido no processo e se sentir que faz parte integrante do seu desenvolvimento e que as aprendizagens fazem sentido para as diferentes vertentes da sua vida.

Enquanto docente, cremos que o recurso à inter e, sobretudo, à transdisciplinaridade e aos métodos ativos mencionados são o caminho para dar resposta à questão da complexidade apresentada por Morin. Recorrendo ao pensamento de Lamas (2011), assumimos a transdisciplinaridade como o caminho para dar resposta à ‘Teoria da Complexidade’ (Morin, 1999), na medida em que, segundo a autora,

(...) a interdisciplinaridade recorre à interacção de saberes e propõe que os atravessemos, cruzemos, tendo sempre presente a complementaridade de objectivos, de métodos, no caso da pluridisciplinaridade e da multidisciplinaridade, o que acontece é a sobreposição de disciplinas com objectivos múltiplos e sem relação entre

eles. Já no que concerne a transdisciplinaridade, esta oposição não se regista. Nicolescu (1997), defensor acérrimo da transdisciplinaridade, invocando uma intervenção de Piaget num colóquio sobre interdisciplinaridade ocorrido em 1971, aponta para o facto de que à etapa das relações interdisciplinares se sucederia uma outra etapa de nível superior – a da transdisciplinaridade, isto é, uma etapa em que a educação se empenharia no catapultar das interacções e/ou reciprocidades procuradas entre diferentes disciplinas, para um sistema total, um sistema onde se pudesse vir a reencontrar a unidade do conhecimento – o sistema sustentáculo do *mundus*. (Lamas, 2011: 4708).

Na mesma linha de pensamento, destacamos Nicolescu (2002:1), quando afirma que

The term *transdisciplinarity* (...) was coined to give expression to a need that was perceived – especially in the area of education – to celebrate the transgression of disciplinary boundaries, an act that far surpassed the multidisciplinary and the interdisciplinary approaches.

Today, the transdisciplinarity approach is being rediscovered, unveiled, and utilized rapidly to meet the unprecedented challenges of our troubled world.

Cremos que esta redescoberta da importância da transdisciplinaridade é fruto da reflexão que se tem vindo a fazer sobre o(s) novo(s) papel(eis) da escola na actualidade. Pode não se saber exactamente qual é esse papel, pode não se saber qual o rumo a seguir, mas sabe-se com toda a certeza que é pela escola que passa o desenvolvimento sustentável da sociedade.

O caso da Universidade Metodista Unida de Moçambique [UMUM]

Apresentamos como exemplo a concepção subjacente ao desenho curricular dos cursos da UMUM – instituição privada de ensino superior, em Moçambique – na medida em que apresenta flexibilidade de estrutura curricular, optando por apresentar domínios específicos, no âmbito das áreas científicas que sustentam os cursos, por forma a que seja o próprio aluno a criar o seu perfil, enquanto estudante, dando-lhe, assim, a responsabilidade de ser o protagonista do seu próprio destino académico. Trata-se de uma estrutura curricular assente nos pressupostos do *student oriented*, num esforço de dar resposta ao repto lançado na Declaração dos ministros responsáveis pelo ensino superior da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa [CPLP], assinada em Fortaleza, em 2004, da qual ressalta a importância que a educação tem de assumir para o desenvolvimento sustentável dos países e da integração plena dos seus cidadãos, facilitando a circulação de aprendentes que pretendam desenvolver os seus estudos, investigações ou outras atividades de educação e formação.

Partir da e para a realidade é o sustentáculo da concepção dos cursos da UMUM, que fomenta, pois, uma cultura transdisciplinar e que pretende apostar numa educação holística, isto é, que abarque todas as dimensões do ser humano.

Nos cursos propostos, aposta num entrelaçar de conhecimentos que atravessam diversas unidades curriculares [UC] e que permitam criar fios condutores de aprendizagens, potenciando valores, comportamentos e atitudes que respondam a necessidades de cada um e de

todos – perspectiva pessoal, integrada numa dimensão social.

Curso de Ciências da Educação

Tendo em mente a importância dada à educação, anteriormente referida, e por ser a nossa área de investigação, apresentamos os pressupostos do Curso de Ciências da Educação.

Antes porém, destacamos que, todos os cursos da UMUM integram temas transversais, a saber:

- Saúde, Higiene, Nutrição, Prevenção e Combate a HIV/SIDA e outras doenças endémicas;
- Cultura de Paz, Direitos Humanos e Democracia;
- Prevenção, Protecção e Respeito pelo Meio Ambiente;
- Respeito pela diferença e pela Identidade Cultural e a Moçambicanidade;
- Segurança Rodoviária.

Estes temas surgem do pressuposto que o método integrado de aprendizagem facilita o desenvolvimento de saberes e conhecimentos. Para além destas temáticas, há ainda quatro UC transversais, que visam dar respostas às dinâmicas sociais, fruto da necessidade de adaptação e integração num novo modelo profissional e social do século XXI. São elas:

- *Diálogos, Paz e Desenvolvimento*, propiciando uma emergência equilibrada do sujeito;
- *Técnicas de Expressão Oral e Escrita*, viabilizando uma comunicação mais eficaz;
- *Tecnologias da Informação e da Comunicação*, propiciando a possibilidade de estar em rede;
- *Inglês*, língua franca e de especialidade, facilitando a assunção do status cidadão/ã do mundo.

Quanto ao Curso de Ciências da Educação, importa destacarmos que se trata de um curso destinado ao 1º e 2º ciclo de estudos, e cujo objectivo primordial é proporcionar o aprofundamento de conhecimentos científicos de cada uma das vertentes que oferece – Planeamento Curricular, Educação e Formação de Adultos Educação Artística e Educação Especial. A flexibilidade referida, aparece a partir do 1º ciclo, permitindo ao estudante que se vá preparando para uma das vertentes disponibilizadas no 2º ciclo.

Centraremos agora o nosso enfoque na questão da língua portuguesa, na medida em que se trata da nossa área de trabalho, destacando particularmente a questão da sua importância para a formação holística do indivíduo, pela dimensão ontológica que a caracteriza e, consequentemente, pela abordagem transversal que assumimos que ela deve ter.

A transversalidade da língua

O ser humano tem de ser capaz de (re)construir, (re)dimensionar, (re)adaptar e (re)estruturar os seus conhecimentos, capacidades e competências, por forma a responder cabalmente aos desafios com que é confrontado.

Neste sentido, assume particular importância o ensino e a aprendizagem da língua oficial, pela transversalidade que esta tem em todo o processo de desenvolvimento

humano, na medida em que aspectos como ler, escrever, argumentar e compreender se constituem como competências transversais, cuja importância justifica a sua abordagem de forma inter e transdisciplinar.

Efetivamente, para além do conhecimento declarativo – *o saber* – exige-se, cada vez mais, a competência de realização – *o saber fazer* –, a competência existencial – o saber ser e estar – que contribui para a integração numa sociedade multicultural e heterogénea.

A dimensão comunicativa é inata ao ser humano, daí que quanto melhor dominarmos a língua melhor comunicamos e nos afirmamos como seres no e do mundo. Assim, a componente funcional e utilitária da língua reveste-se de particular destaque, pois torna-se imperativo que os indivíduos se consigam adaptar a diferentes contextos comunicacionais, como forma de afirmação pessoal, profissional e também cultural, na medida em que é a língua o veículo por excelência dessa afirmação. Nesta linha de pensamento, concebemos a proficiência em língua, que perspectiva, mais que a dimensão linguística, a dimensão interacionista, como sendo aquela que o estudante tem de desenvolver, na medida em que a comunicação permite o relacionamento entre os vários ‘eus’ e requer simultaneamente o aperfeiçoamento constante e a sistemática adequação aos contextos, o que conduz naturalmente ao aprimoramento da componente performativa; desta constatação decorre, também, a proficiência cognitiva. Esta surge, pois, neste contexto, decorrente da performativa e não o contrário, como habitualmente assistimos.

A aprendizagem da língua deve, portanto, partir de experiências pessoais dos estudantes e das suas necessidades reais. Deve ainda ser encarada na sua transversalidade, pois ela é veículo de conhecimentos de diferentes áreas do saber e porque o domínio e a proficiência linguística se manifestam, se revelam e se afirmam em todos os momentos, etapas e contextos da vida ser humano. Na dinâmica para que apontamos – a proficiência comunicativa/interacionista/cognitiva –, a aprendizagem da língua é feita, em qualquer área curricular, potenciando o conhecimento dos conteúdos dessa área, permitindo o entrecruzar de informações, a compreensão dos saberes em causa e a tomada de consciência da necessidade de adequação a contextos específicos e às realidades em que esses saberes serão postos em prática. Propicia esta dinâmica o desenvolvimento do indivíduo, pela descoberta das suas potencialidades, pela interação com o outro, pela construção colaborativa do conhecimento, conduzindo a um aperfeiçoamento da própria língua, a um domínio dos saberes implicados, a um desempenho dos *saberes fazer* convocados, em contexto real.

Em suma, cremos que o objeto central de estudo não tem de ser necessariamente a língua *per se*, mas antes os conteúdos de outras áreas do saber, estruturantes do curso/ da variante, pelo/a qual o estudante opta; conteúdos que cumpram as necessidades da sua formação – o potencializar das suas capacidades inatas (o ser); a socialização (o conviver); a construção de conhecimentos (o saber); o desenvolvimento de competências (o saber fazer). É nesta dinâmica, pela e através da abordagem comunicativa, que a aprendizagem

da língua se realiza na sua dimensão de transversalidade que a enriquece e que potencia a sua importância, viabilizando simultaneamente um crescente domínio linguístico.

Ao professor cabe, nesta abordagem pedagógica, procurar um equilíbrio entre a atividade que visa a fluência comunicativa e aquela que viabiliza a precisão linguística em complemento do domínio cognitivo e do desempenho profissional. Desta constatação, emerge outro aspecto que não é alvo da nossa reflexão, neste trabalho: a imprescindibilidade do trabalho colaborativo entre docentes, na escola/academia hodierna.

A unidade curricular Técnicas de Expressão Oral e Escrita [TEOE]

Nos cursos da UMUM, apostamos no ensino de Técnicas de Expressão Oral e Escritas, enquanto UC transversal aos diferentes cursos, na medida em que pretendemos contribuir para o desenvolvimento de conhecimentos-base que criem condições favoráveis aos estudantes para o desenvolvimento de competências de literacia – a leitura, pois ela é condição *sine qua non* para o estudo, para a pesquisa e para a estruturação do pensamento. Ao mesmo tempo, é nossa preocupação o desenvolvimento de competências comunicativas orais e escritas, que possibilitem a adaptação ao mundo da investigação, ao mundo laboral e à integração social.

Não descuramos também o desenvolvimento do espírito crítico e a capacidade de tratamento de informação para contextos institucionais e pessoais. Desta forma, cremos poder contribuir para a criação de alicerces que permitam a autonomia e a autoformação.

Se bem que a UC TEOE se configure *per se*, tendo em conta a sua especificidade, a sua natureza, ela é, ao mesmo tempo, pela sua transversalidade assente no conceito linguístico que a sustenta, um meio para a aprendizagem das outras UC. Realçamos, pois, a dimensão comunicacional da língua, para a construção de conhecimentos, numa perspectiva funcional e utilitária, que sirva de instrumento de comunicação, não apenas no curso, mas também na profissão e na vida.

Não questionamos a necessidade de um aperfeiçoamento do conhecimento científico-linguístico. No entanto, cremos que proceder a uma abordagem comunicacional e utilitária, permite um maior envolvimento dos estudantes, na medida em que têm deste modo a oportunidade de reconhecer, de forma mais evidente e mediática, a utilidade da sua aprendizagem. Conseguido esse envolvimento e assegurada uma aprendizagem significativa, avançaremos para um outro patamar, motivando os alunos para um aprofundamento da componente científica e estética da língua. Cremos que assim cumprimos a ideia de aprendizagem em espiral ascendente, em que a curiosidade do aprendente o leva a querer desenvolver mais o seu conhecimento e a procurar, ele próprio, o seu caminho de aprendizagem. Contribuímos também para o impulsionar da metacognição.

Não podemos também negligenciar as diversas dimensões do ensino da língua; procuramos, em consequência, um equilíbrio entre elas, pois, como afirma Lamas, Pinto & Silva (2012: 243) importa

promover “(...) o desenvolvimento da (...) competência comunicativa, compreendendo as competências linguísticas, sociolinguísticas e pragmáticas, pois entendemos que a língua é concebida em termos de desempenho e comportamento adequados, exercitados em atividades diversas com um propósito social nas quais língua e cultura são indissociáveis.”.

Os mesmos autores (*idem: ibidem*) afirmam ainda que “(...) preocupação básica no ensino de língua é levar o aluno não apenas ao conhecimento da gramática da língua-alvo, mas torná-lo competente linguisticamente falando, isto é, importa dar-lhe condições para desenvolver a capacidade de reflexão crítica sobre o mundo do qual faz parte e, principalmente, sobre a utilização da língua como instrumento de interação social.”. Para tal, importa atentar na oralidade, na escrita, e na leitura bem como na escuta ativa. Só desenvolvendo estas quatro domínios estaremos verdadeiramente a desenvolver a competência comunicativa e só assim poderemos, depois partir para a dimensão estética da mesma e para a fruição da leitura.

No contexto dos cursos da UMUM, o desenvolvimento da competência comunicativa é, efectivamente, crucial e prioritário, ocupando o centro das preocupações da pedagogia que orienta esta instituição e que está presente na opção pela construção da UC TEOE e na forma como pretende perspectivar a sua implementação.

O ensino da língua em TEOE é, portanto, perspectivado transversalmente, inter e transdisciplinarmente – relacionando os conteúdos das diferentes áreas que estruturam os cursos e procurando noutras UC transversais – Inglês, TIC, a título de exemplo. A língua e as tecnologias constituem-se, portanto no sustentáculo para a construção do(s) conhecimento(s) que estrutura(m) os diferentes cursos da UMUM. Numa fase posterior, uma outra UC transversal – Metodologias de Investigação – vem retomar o trabalho do 1º ano, abrindo vias para a especificação das diversas áreas que integram o projecto da UMUM.

Face ao exposto, enfatizamos a ideia de que as instituições se devem abrir à mudança, proporcionando experiências de aprendizagem dinâmicas e significativas que facilitem responder aos reptos da sociedade. É neste sentido que surge estruturado o curso de Ciências de Educação da UMUM, pois, nele se valoriza a aprendizagem activa; a componente inter e transdisciplinar das UC, desenhando-se, em particular a UC TEOE como transversal pela importância que a língua e a comunicação assumem para a afirmação do ser humano, a nível pessoal, profissional e social.

Nota: A autora não segue as regras do novo acordo ortográfico.

Referências

- Carneiro, R. (2007). La “Nueva Educación” en la Sociedad de la Información y de los Saberes. Retirado de <http://www.oei.es/tic/santillana/carneiro.pdf>. Acedido a 5 de julho de 2015.
- Delors, J. (1998). *Educação, um Tesouro a Descobrir*. Porto: Edições ASA.

- Lamas, E. P., Pinto, J., & Silva, M. L. (2012). Actas del II Congreso Internacional de la Sociedad Extremeña de Estudios Portugueses y la Lusofonía (SEEPLU). Em A. G. (eds (Ed.), *Análise do manual de técnicas de expressão oral. Contributos para a aprendizagem do português L2 em Cabo Verde* (pp. 240-260). Cáceres: SEEPLU-CILEM-LEPOLL. Obtido de http://www.clul.ul.pt/files/jorge_pinto/Jorge_Pinto_et_al_Artigo_seeplu.pdf.
- Morin, E. (1999). *O Desafio do Século XXI - Religar os Conhecimentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Neves, F. (2009). Declaração de Fortaleza. Declaração dos Ministros responsáveis pelo Ensino Superior da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. *Revista Lusófina da Educação*, 5 (5). Obtido de <http://revistas.ulsofona.pt/index.php/rleducacao/artic le/view/1017/837>.
- Nicolescu, B. (1997). A Evolução Transdisciplinar, na Universidade – Condição para o desenvolvimento sustentável. In *Congresso Internacional A Responsabilidade da Universidade para com a Sociedade*. Bangkok: Chulalongkorn University. Obtido em 25 de Maio de 2011, de <http://basarab.nicolescu.perso.sfr.fr/ciret/bulletin/b12/b12c8por.htm#note>.
- Nicolescu, B. (2002). Fundamentos Metodológicos para o Estudo Transcultural e Transreligioso. Em *Educação e Transdisciplinaridade* (Vol. II). S. Paulo: Triom.